

ALEURITES MONTANA

J. E. TEIXEIRA MENDES

do Instituto Agronômico do Estado em
Campinas

A tentativa da implantação da cultura do tungue em São Paulo continúa sendo atentamente estudada pelo Instituto Agronômico, existindo em ensaio nas estações experimentais de Ribeirão Preto, Pindorama, Tupí, Tietê e Tatuí diversas progenies e clones. (Serviço á cargo das Secções de Genetica e Plantas Oleaginosas).

A enxertia foi assunto tambem examinado, sendo hoje correntemente empregada, seja para o estudo dos clones, seja para a manutenção em coleção de material coletado em diversas plantações.

Usámos como cavalo para o tungue (*Aleurites fordii* Hemsley) sempre o proprio tungue. O ensaio que fizemos de nos servirmos da Nogueira de Iguape (*Aleurites molucana* Wild.) fahou completamente (1) e até o presente, apezar de novas tentativas nada conseguimos.

Ultimamente tem sido despertada a atenção daqueles que trabalham com o tungue para uma outra especie, o *Aleurites montana* (Lour.) Wils. É tambem planta originaria da China, onde é encontrada nas regiões mais ao Sul (2). O oleo produzido tem caracteres muito semelhantes aos do *A. fordii*, não sendo mesmo possivel diferençal-os. A esse respeito assim se expressa o Bol. 280 da Estação Experimental de Gainesville, na Florida.

"The oil of *A. montana* is reported as being chemically the same as the oil of *A. fordii* and is reported as making up a portion of the shipments of China wood-oil".

Sendo planta oriunda de regiões de clima mais temperado que o *A. fordii*, presta-se, talvez, melhor para o de S. Paulo. C. C. Webster em recente publicação (3) diz que o *A. montana* se comporta melhor que o *A. fordii* em todas as regiões tropicais em que tem sido experimentado (Java, India, Indo-China, Burma, Colonias Inglesas do Este da Africa).

O estudo de *A. montana* foi-nos altamente recomendado por T. W. Swingle, quando de sua viagem ao Brazil, informando-nos aquele tecnico americano que os francezes ensaiam presentemente grandes plantações na Indo-China.

De fato, a planta é expontanea nas florestas da região mediana da Indo-China (4). Reteaud em recente publicação se refere aos trabalhos de seleção que são atualmente levados a efeito pelo Institut des Recherches Agronomiques et Forestières, bem como ao aumento da area cultivada, o que trará dentro em breve o alargamento da exportação de oleo de tungue daquela colonia.

Muito poucas são as arvores de *A. montana* encontradas entre nós. Conhecemos uma unica plenamente desenvolvida na Fazenda Monte D'Este, no municipio de Campinas. Parece que a sua introdução se deu por acaso, pois que, de acordo com o que nos contaram naquela propriedade agricola, o especime em questão apareceu em um viveiro de *A. fordii*, formado com sementes importadas da ilha Formosa. Sendo um individuo que se destacava dos demais por ser diferente de todos não foi transplantado, tendo sido conservado no proprio local do antigo viveiro. Cresceu aí muito bem sendo hoje uma arvore formada.

Dela se originaram algumas outras que podem ser observadas na plantação da Fazenda, em talhões de *A. fordii*, bem como 6 exemplares que possuímos na Estação Experimental Central, dois dos quais iniciaram a produção neste ano.

Caracterisa-se o *A. montana* por ter folhas com 3 a 5 ló-bos, apresentando uma glandula na base de cada sinus, glandulas proeminentes no apice do peciolo, flôres brancas, ovario tri-ovulado, frúto mostrando externamente a existencia de tres sementes, superficie do frúto apresentando venação irregular, tres sementes em cada frúto.

Enxertia — Dado o interesse que tínhamos em multiplicar rapidamente as poucas arvores que possuímos, tentámos a enxertia do *A. montana* sobre o *A. fordii*. Não tínhamos em vista usar como cavalo definitivo esta ultima especie. É que, não possuindo sementes de *A. Montana* quizemos enxertar um lote de mudas já um pouco passadas de *A. fordii* com *A. montana*, para a formação de pequenos talhões para a futura obtenção de sementes.

A tentativa deu o resultado o mais promissor possível quanto ao numero de pegamentos. O quadro abaixo nos dá uma indicação das porcentagens obtidas, usando-se as poucas arvores de *A. montana* que possuíamos como fornecedores de borbulhas.

| Designação da planta | N.o de enxertos feitos | Enxertos pegados | % | Data da enxertia | Data da verificação do pegamento |
|----------------------|------------------------|------------------|--------|------------------|----------------------------------|
| 1467 — A | 15 | 15 | 100,00 | 17-1-940 | 30—3—940 |
| 1467 — 1 | 24 | 16 | 66,66 | 27-1-940 | » » » |
| 1467 — 2 | 21 | 18 | 85,71 | 29-1-940 | » » » |
| 1467 — 3 | 21 | 8 | 38,09 | 8-2-940 | » » » |
| 1467 — 4 | 18 | 14 | 77,77 | 8-2-940 | » » » |
| 1467 — 5 | 13 | 10 | 76,92 | 8-2-940 | » » » |
| 1467 — 6 | 14 | 8 | 57,14 | 8-2-940 | » » » |
| | 126 | 89 | 70,63 | 8-2-940 | » » » |

1467 — A — Corresponde a um novo pequeno lote de sementes, oriundas tambem da arvore existente na Fazenda Monte D'Este. Consta de 7 plantas novas, apenas com uns 50 cms. de altura.

O sistema de enxertia empregado foi a borbúlia (Foto 1).
O crescimento até o presente tem sido normal.

Dispondo de um pequeno número de mudas de *A. montana* (7 mudas designadas por 1467-A), fizemos a enxertia recípro-



Aleurites montana enxertado sobre *Aleurites fordii*. Estação Experimental Central-Campinas

ca, isto é, usamos o *A. montana* como cavalo e o *A. fordii* como cavaleiro. O pegamento foi ótimo como o demonstra o quadro abaixo:

| Cavalo usado | N.o de onxertos feitos | N.o de enxertos pegados | % |
|--------------|------------------------|-------------------------|--------|
| 1467-A | 7 | 5 | 71,43% |

As mudas que serviram de cavalo não se achavam em boas condições. O desenvolvimento do *A. fordii*, apesar disso, vem sendo normal (Foto 2).

Tentámos também o *A. molucana* para cavalo do *A. montana*. Conquanto chegassem as borbulhas a iniciar um crescimento vieram todas a morrer mais tarde. Até ao presente momento não foi possível fazer vingar uma só.



Aleurites fordii enxertado sobre *Aleurites montana*. Estação Experimental Central. Campinas

A Secção de Genética continua envidando esforços para introduzir no Estado de São Paulo maior numero de exemplares de *A. montana*, para que as possibilidades de sucesso da adaptação sejam maiores.

Decorre do que ficou exposto:

1.º) — Que podemos enxertar o *A. montana* sobre o *A. fordii*;

2.º) — Que podemos enxertar o *A. fordii* sobre o *A. montana*.

Para a pratica as consequencias são:

1.º) Que podemos multiplicar rapidamente as poucas arvores que possuímos de *A. montana*, até possuímos o numero de exemplares necessarios para o fornecimento de sementes dessa especie para os ensaios que se vão fazer no Estado sobre a possibilidade de sua fixação como nova cultura;

2.º) Que é possivel se tentar o estabelecimento de plantaçõ de *A. fordii* sobre *A. montana*, o que talvez tenha vantagem por ser este provavelmente um cavallo mais rustico.

— o —

Referencias:

1 — Mendes J. E. Teixeira — Contribuição ao estudo da cultura do Tungue (*Aleurites fordii*, Hemsley) no Estado de S. Paulo. Bol. N.º 18 Instituto Agronômico do Estado 1938.

2 — Newell. W. et al — Bull. N.º 280 The Tung. Oil Tree University of Florida Agricultural Experiment Station. 1935.

3 — Webster C. C. — Recent progress in the cultivation of Tung — Oil Trees (*Aleurites fordii* and *Aleurites montana*) Tropical Agriculture. Vol XVI — N.º 12 pg. 267 dez.º 1939.

4 — Chevalier Aug. — Les Aleurites D'Indo-Chine producteurs d'huile de bois. Revue de Bôtanique Appliquée et D'Agriculture Coloniale N.º 154 Junho de 1934 pg. 389.

5 — Reteaud L. — Tung — oil in Indo-China — Sumario publicado pelo Bull. of the Imperial Institute. Vol. XXXVI N.º 1 — Jan.º Março de 1939 — pg. 32, do original publicado pelo Bulletin Economique de L'Indo-Chine — Vol. 41 — N.º 2 — 1938 pg. 354-357.